

# MARCILENE

Aline de Fátima Marques

[Doutoranda UFJ (Universidade Federal de Jataí) – Grupo Dona Alzira]

**Marcilene.** Apenas isso. **Marcilene.** Tudo isso.

No dia 02 de junho de 2023 fui à Goiânia arrumar o meu carro. Ele padecia de buracos e rachaduras no escapamento.

Sempre ao dar a partida, ele rugia enlouquecido. Do seu escapamento escapava tudo:

a fumaça grossa, espessa e densa do seu motor cansado. Após trocar o escapamento, a caminho para a Universidade Federal de Goiás, um dos cruzamentos de mais veículos da cidade, eis que no sinal de longa duração chega uma senhora com cara envelhecida, magérrima, despenteada, sem dentes, mas com semblante alegre.

A sua voz foi firme: “*Por favor, me ajude!*” Ela pediu qualquer ajuda em dinheiro, até mesmo uma moeda.

Abri a bolsa e peguei dois reais que estavam num canto escuro e passei a ela.

Depois de passá-los, olhei em seus olhos com curiosidade e perguntei: qual o seu nome? Ela respondeu: “*Marcilene.*”

Assustada e encantada com este ato não costumeiro de ser perguntada o nome, abriu grande sorriso na sua boca banguela, sorriso lindo na alma da manhã. Estupefata procurou conversa, logo fazendo agradecimentos religiosos.

Perguntou-me se estava sendo bem cuidada, se estava bem e se minha vida estava boa. Respondi que sim.

**Marcilene** deu uma gargalhada e rodopiou numa alegria efusiva para o outro lado da avenida. Certamente é uma migrante.

É bem possível que sua família esteja fraturada pelo vício das drogas, assim como o seu organismo, mas, ao ser perguntada o nome, todas as dores se esvaneceram naquele momento. Alguém tinha lhe refeito a sua dignidade de existir no mundo pelo seu nome.

Quando **Marcilene** virou as costas pensei nas suas possíveis condições, possivelmente ela não se alimente adequadamente e não tenha moradia. Era perceptível em seus olhos a dependência química das drogas, esta dependência que afeta a sua vida pautada no sinaleiro.

**Marcilene** não está só. Outros atores semelhantes a ela buscam recursos nas ruas. Há vendedores de balas, malabaristas, pedintes e até assaltantes. Em outra ocasião, em Porto Velho-RO, ao parar no sinaleiro, após um grupo de malabaristas se apresentarem no sinal, um rapaz entrou rapidamente na frente do carro e começou a jogar alguns gravetos ao ar, pegava-os e jogava-os novamente.

O rapaz deu a volta, aproximou-se e disse: “*Me ajude com qualquer quantia, não está fácil para os malabares.*” Perguntei-lhe o nome e sorridente o rapaz respondeu: *José Carlos*. O sinal abriu, peguei uma nota de cinco reais que estava na porta do carro e entreguei em suas mãos. Ele saiu. Entre tantos atores no sinaleiro, José Carlos vive no sinal de trânsito, despertado pela tensão e apreensão, consumido pelo tempo que se esvai no abrir e fechar do sinal.

Neste viés, cito minha amiga, Juliane Carla Silva que desenvolveu sua pesquisa de mestrado pautada na vida dos sujeitos presentes nos sinaleiros. Sua dissertação aborda com sensibilidade a vida invisibilizada dos trabalhadores nos sinais de trânsito. Pois bem, quem olha o sinaleiro não faz a leitura profunda do olhar triste das crianças exploradas pelo trabalho infantil e não lê a narrativa de **Marcilene**.

**Independente da circunstância, Marcilene se alegrou ao ser chamada pelo nome.**

**A importância de chamar pelo nome está relacionada ao reconhecimento da individualidade.**

**O nome é uma forma de identificação pessoal, um símbolo que representa a singularidade de cada indivíduo.**

**Chamando alguém pelo nome, reconhecemos sua existência como um sujeito autônomo e conferimos-lhe uma identidade.**

**A ausência do nome remete ao desamparo e à exclusão social. Quando o sujeito não é reconhecido pelo seu nome, é como se fosse privado de sua individualidade e tratado como uma não-pessoa, se sentir invisibilizado, sem voz e sem direitos. Dizer o nome é uma forma de restituir a dignidade da pessoa.**

**O nome dela é Marcilene!**

